

Eleição Presidencial

A crise dos cinco dedos

Fernando Henrique diz estar pagando agora, com os índices desfavoráveis das pesquisas eleitorais, o preço de ter enfrentado a crise asiática com medidas duras e arrocho na economia. Em sentido mais amplo, também carrega o azar de uma seca que sequer mostrou metade dos estragos que é capaz de fazer no sertão e na biografia dos políticos, num ano providencialmente eleitoral, e numa região com quase um terço do eleitorado do país.

Ponham-se também nessa conta do desgaste o incêndio de Roraima, a infelicidade da frase dos vagabundos da aposentadoria, a greve nas universidades e qualquer outro desencontro ou desacerto do governo. Mas não se tenha dúvida: Fernando Henrique está vivendo a crise dos cinco dedos. Qualquer problema que esteja causando danos à nova candidatura do presidente tem origem exatamente na lista de cinco temas que apontou como metas de seu governo, durante a campanha eleitoral de 1994. É a hora da prestação de contas.

Tome-se um dedo qualquer e não faltará assunto para falar mal do governo. Saúde, por exemplo. É uma área minada. O governo não conseguiu desmontar os focos de corrupção que existem ali. Meteu-se goela abaixo da população um imposto novo, o imposto dos cheques, o orçamento do setor subiu de R\$ 14 bilhões para R\$ 19 bilhões entre 1996 e 1997, não se vê avanço e ainda se pedem mais e mais verbas. O atendimento da saúde pública no Brasil continua deplorável.

Hospitalizou-se tudo, como reconhece o presidente, indicando que os grandes beneficiários dessas verbas fabulosas são as empresas hospitalares, e não a população necessitada, e lamentando tardiamente que não se valorizem mais os postos de saúde, que deveriam resolver boa parte dos problemas levados hoje aos hospitais. A nomeação de José Serra para o Ministério da Saúde foi medida extrema para recuperar o prejuízo eleitoral. É executivo experiente, decidido. Sabe em que está mexendo. Tem um modelo de saúde na cabeça. Mas sabe também que até a eleição tem mais tempo para mostrar boas intenções do que resultados.

Educação é outro dedo de FH. O presidente diz estar fazendo ali uma verdadeira revolução, com a inversão de prioridade: o ensino básico passa à frente do ensino superior na ênfase das verbas. Mas essa revolução ainda não foi percebida pelo grande público. O que se percebe agora é a desgastante greve de dois meses nas universidades federais. Se a greve for suspensa amanhã, o ano letivo nessas universidades só acabará em março de 1999, mesmo com o cancelamento das férias de julho e do fim do ano.

O retrato que se tem hoje da Agricultura, outro dedo de FH, é a do impasse em torno de um único tema: a reforma agrária. De um lado, um governo sem uma política claramente definida, emparedado pelos conflitos ideológicos de seu leque de alianças e pelo ranger de dentes dos sem-terra. De outro, um MST cada vez mais radical, usando como tática a invasão de tudo - das fazendas aos prédios públicos, dos caminhões carregados de alimentos aos bancos entupidos de dinheiro. Só o eleitor desempata.

Emprego, outro dedo, é um índice. Mas é também uma tragédia. Valerá o índice do momento de ir à urna, e não se sabe que milagre o governo poderá fazer até lá. E se forem lembradas outras promessas de campanha e a mão presidencial tiver seis dedos, mais se confirmará a deformação da imagem. Habitação, por exemplo: no Rio de Janeiro, o setor de construção de moradias está trabalhando com apenas 25% de sua capacidade. A grande questão, que é a de criar mecanismos fáceis, acessíveis e confiáveis de financiamento, o governo ainda não enfrentou e não conseguirá enfrentar enquanto mantiver juros tão altos. E segurança pública mudou de patamar: deixou de ser um problema apenas das grandes cidades. Tornou-se problema grave também nas cidades médias do interior do país.

Acaba sendo uma eleição em que as qualidades decisivas de FH serão os defeitos de Lula.